

em conta que a sua pátria está na posse dos alemães? O de vendidos aos ingleses? Lérlas, meus senhores.

A classe gráfica do Porto não deve estranhar a atitude dos jornalistas, nem dos proprietários dos jornais, esses cavalheiros que estão constantemente a proclamar moralidade, a exigirem respeito à lei e que agora, ante a arbitrariedade do governador civil que mandou lacrar as portas da Cooperativa Gráfica para, no dia seguinte de manhã, reconhecendo a sua violência estúpida, ordenar a sua imediata reabertura, não tiveram uma palavra de repulsa.

Os operários gráficos que ainda não conquistaram as oito horas, devem, portanto, permanecer na mesma atitude, repelindo as infâmias dos industriais, recolhendo os ombros, com manifesto desprezo, às autoridades do distrito que, se fôsem com petentes, visto que a lei está definitivamente aprovada, obrigariam os industriais a abrirem as suas portas, porque uma classe que produz e que tem contribuído para a riqueza de muitos, não pôde estar à mercê dos caprichos dos seus exploradores.

E' verdade que alguns donos de tipografias já não fazem muita questão com as oito horas, contanto que se consinta na redução do salário, porquanto, dizem, se assim não fôr, isso lhes traz um grande prejuizo. Brevemente falando, é certo; mas no fim do ano, se não de aqumbar um lucro líquido de 800\$ ou 1.200\$000, uma hipótese, guardem apenas um lucro de 500\$000 ou 700\$000, distribuindo o restante pelos negros que trabalham.

E' certo, porém, que as tipografias pequenas que já aderiram às reclamações do seu pessoal não auferem esses lucros; mas as grandes empresas, que têm enriquecido bestialmente à custa dos desgraçados, se não tiram esses lucros, tiram ainda muito mais. Temos, por exemplo, o proprietário do trapalhão *Comércio do Porto* que, quando ha um pouco de crise nas suas oficinas de obras, costuma dizer para o seu fâmullo: «isto não pôde ser; vou fechar a casa». Mas, pelo fim do ano, ao fazer o balanço ao cofre, desmente logo o dito nos seguintes termos e esfregando as mãos de contente: «Vá, vá; este ano deu uma receita líquida muito rasoavel... Não esperava isto...»

Enfim, o chefe do distrito é inepto e parcial; os industriais aproveitam-se da sua inércia e da sua parcialidade e as empresas jornalísticas aplaudem tudo isso, enchendo as suas colunas com mentiras descaradas.

Nestas condições, o que resta fazer? Continuarem firmes, até à vitória completa, a despeito de todas as ameaças, de todos os *trucs* e falsidades jornalísticas.

E ao boicot ás notícias sobre o movimento dos gráficos, estes devem opôr igualmente o seu boicot, não comprando os jornais burgueses e fazendo apelo nesse sentido ás outras classes, para que eles saibam que o operariado revive. Eis o caminho a seguir.

## Aos camaradas

Vários camaradas tem-nos dirigido portais e cartas a perguntar-nos se a AURORA suspenção a sua publicação. Não, camaradas, O motivo da não publicação da AURORA nestas duas últimas semanas, foi devido à greve dos tipógrafos, greve declarada para reclamar a jornada de 8 horas de trabalho diário, como lhe facultava uma lei aprovada recentemente, e que os industriais, num gesto de bandidos, procuravam, por todas as formas, fazer com que ela fosse letra morta.

E aí tem os camaradas as razões justificativas da suspensão forçada do nosso semanário.

## UMA QUESTÃO PALPITANTE

# A NOSSA RESPOSTA

Emílio Costa pergunta qual deve ser a atitude dos revolucionários sociais portugueses em face duma invasão espanhola e consequente ocupação militar.

Na actual conjuntura e dadas as polémicas travadas, convém fazer previamente uma distinção: o exemplo concreto de Portugal Espanha nada tem que ver com o caso da actual conflagração entre grupos de potências igualmente fortes, provocadores e imperialistas. Sob todos os pontos de vista militar, financeiro, industrial e demográfico, Portugal é incapaz de provocar e atacar, por si só, um país como a Espanha. Se considerarmos Portugal isento e inocente de qualquer aliança, conluio e combinação, a hipótese apresentada é análoga ao caso de Marrocos, invadido e conquistado pela França e pela Espanha.

Além disso, o problema proposto versa sobre o *facto material* da invasão, com suas atrocidades e repressão resultante, e não sobre as consequências políticas sociais da guerra, conforme o lado vitorioso. Na guerra europeia, os intervencionistas não falam apenas em resistir ao invasor na Bélgica, França, Gália, Prússia, Bucovina, etc., mas em combater ao lado dos Aliados.

A hipótese é, pois, o mais favorável possível à tese dos que defendem, em certos casos, uma «união sagrada nacional», uma colaboração com a burguesia e com o Estado ante o «perigo comum.»

Pôsto isto, que meios de resistência deveriam empregar os revolucionários?

O melhor de todos seria a revolução contra todos os senhores nacionais e estrangeiros. Antes da guerra, se possível fôsse; ou quando viesse depois a oferecer-se uma oportunidade para a tentar, como fez Bakunine em Lião, nos fins de setembro de 1870.

### «OS DIREITOS DA CIVILIZAÇÃO»

## Despotismo ou anarquismo

Está certamente no interesse de todos que toda a terra seja utilizada o melhor possível, que todos sejam instruídos e que por toda a parte a civilização, a verdadeira civilização, espalhe os seus benéficos frutos.

E é um facto que há diferenças enormes de desenvolvimento e civilização entre os diversos povos e entre os diversos grupos e indivíduos do mesmo povo.

Mas, supondo mesmo que as colectividades e os indivíduos mais avançados se deixem guiar na sua obra pelo interesse geral, supondo mesmo que é possível estabelecer qual é verdadeiramente o tipo de civilização superior e que este tipo se mantém superior ainda quando transplantado para outro terreno, é prático, é desejável que o melhor seja imposto pela força? E pode esta imposição corresponder aos fins verdadeiros da civilização, que não podem ser senão o máximo bem-estar e a máxima liberdade de todos, o máximo desenvolvimento material, moral e intelectual de cada um?

Observemos antes de mais nada que, se admite que o bem se deve impor pela força e que os melhores tem o direito de governar, de dominar os inferiores, cai pela base qualquer regime democrático, o qual, senão é uma mentira mantida pelo engano e pela corrupção, é a prevalência do número inconsciente, o domínio da maioria, isto é, da parte menos esclarecida de cada país.

Afastada então a democracia, afastada a república que é a verdadeira democracia, que regime nos propõem os nossos «civilizadores»? O despotismo?

Com efeito, há escolas, se não partidos, que vêem a salvação na instauração dum *despotismo iluminado* dum homem, classe ou seita. E' no fundo o ideal de todas as seitas religiosas e filosóficas.

Mas, na prática, quem será o *despota*. E' verdadeiramente o indivíduo mais inteligente e melhor

Edadas as dificuldades insuperáveis ou enquanto elas subsistissem: resistência livre e independente a todas as violências e repressões, viessem donde viessem, durante e após a invasão; preparação moral e material dessa resistência, prosseguimento da luta contra os patrões e governantes. Se para isso falecesse a coragem, também deveria faltar para o alistamento voluntário nas hostes do Estado.

Tal nos parece ser a prática mais conforme aos nossos princípios, por sua vez baseados na prática e na crítica dos factos. E quanto aos resultados imediatos (evitamento da guerra e suas atrocidades, expulsão do invasor prepotente), não nos parece que fôsem mais eficazes os métodos do Estado, sobretudo no caso de Portugal. Provavelmente, o único recurso dos próprios patriotas havia de vir a ser a insurreição.

Vantagens teórico-práticas do nosso método revolucionário:

1) Levar pelo exemplo o proletariado espanhol a manifestações de revolta e de solidariedade internacional.

2) Combater os ódios nacionais e o obscurecimento da ideia internacionalista, quebrando ao mesmo tempo nas mãos dos governantes espanhóis uma arma poderosa, com a qual eles tratariam de obter na Espanha a unificação patriótica contra o inimigo nacional, se este também se mostrasse «patrioticamente unido».

3) Não fortalecer, com a nossa adesão voluntária, o primeiro e principal instrumento de dominação burguesa e estatal — o exército; a ideia da sua necessidade e a sua função confessada — a guerra.

4) Combater a nociva ideia dum pretensa identidade de interesses nacionais.

O Grupo de Propaganda Libertária.

ou a colectividade mais evoluída e altruista que tem as qualidades precisas para se impor e dominar com a força?

E quando assim fôsse, pode a força exercer uma acção moralizadora e elevadora de consciências? Não é pelo contrário verdade que ela despadaça as melhores energias da alma, embora com as melhores intenções, só consegue fazer escravos? E não é certo que o poder irresponsável corrompe fatalmente quem dele é investido, indivíduo ou classe, que o cega e lhe dá a mais ridícula e perigosa das manias, a mania das grandezas?

E depois, quem é que sofreria ainda um governo absoluto?

Resta, pois, apenas o anarquismo — o anarquismo que é violento quando se trata de repelir a violência e de conquistar o seu direito à existência, mas que para difusão e triunfo dos seus ideais só conta com a persuasão e com o exemplo; o anarquismo que apela para as energias de cada um; a anarquia que tudo espera da liberdade e da solidariedade livremente procurada e aceita.

E isto não é somente um sonho de futuro. Toda a história af está a demonstrar que cada progresso tem sido fruto da livre iniciativa e do livre accordo e que a imposição nunca deu outra coisa senão frutos amargos de escravidão e degeneração.

E. MALATESTA

### A greve dos mineiros ingleses

Esta greve foi, naturalmente, caluniada pelos que não sabem (ou não lhes convém saber) explicar os acontecimentos senão atribuindo-os a manejos de agentes e ao oiro alemão ou inglês: a obstinação dos patrões e a sua cupidez, isso é que nunca tem da parte das gazetas burguesas semelhante explicação, nem passa por falta de patriotismo.

O caso é que, segundo temos no *Labour Leader*, os mineiros do País de Gales, nestes tristes

tempos, deram um belo exemplo de coragem e saíram vencedores, derrotando o governo e os patrões.

Quando o governo apertava cada vez mais a tarraxa da reacção, quase sempre aprovado sem discussão, quando o «prussianismo» alcançara um triunfo com a «Lei das Munições» que impunha à classe trabalhadora o trabalho forçado sem lhe dar a menor fiscalização das condições de trabalho, ficando os monopolistas da indústria autorizados a aumentar os seus proventos e os operários compelidos a continuar a sua faina, os mineiros galeses levantaram a lava do desafio, zombaram da lei de munições e fizeram capturar o governo, que guardou os seus coriscos.

O mesmo quanto aos patrões, Esses figurões imaginavam que os «seus» operários não ousariam fazer greve neste momento, e por isso sentiam-se à vontade. Por patriotismo, os trabalhadores aguentariam e os industriais embalsariam.

Se esses bons sentimentos não bastassem, lá estava o medo á opinião pública patriótica e á energia excepcional do governo. Os proprietários de minas consideravam-se seguros. Não faziam concessões, nem mesmo admitiam negociações. Os mineiros, num belo

gesto, prontificaram-se a renunciar a qualquer melhora de salário, se os patrões se compromettessem a não explorar o público, isto é, a não aumentar o preço do carvão. Os proprietários recusaram!

Veio então a greve, que triunfou, apesar do furor de muitos jornais, como o *Morning Post*, que incitava o governo a empregar os meios mais violentos, inclusive o fuzilamento dos que tentassem perturbar a famosa «liberdade de trabalho». O governo e os patrões tiveram de fazer a coisa por muito menos, cedendo E assim reconheceram a infâmia e estupidez dos sicários do jornalismo internacional, que falaram no oiro germânico e até fixaram a quantia gastal Para esses mariolas, envenenadores de consciências, os patriotas eram sem dúvida os proprietários de minas, que aproveitavam a guerra e a desgraça comum para aumentar os preços e explorar os compatriotas!

Os grevistas galeses, heróis nestes tempos de heroísmo, fizeram mais pelas liberdades públicas e pelos direitos do trabalho do que os homens das trincheiras, bem arriscados, se voltarem, a encontrar na pátria menos liberdade e salários mais baixos, caso não haja quem imite em toda a parte os mineiros de Gales.

## O Imperialismo moderno

Nunca o curso tempestuoso da História apresentou mais cruel e sanguinário aspecto; nunca o génio inventivo do homem achou melhor oportunidade para exercer os seus dotes destruidores.

A guerra europeia é a guerra científica metódica em que os homens se trituram, se despedaçam como engrenagens dum maquinismo imenso, sábia e friamente regulada. Há meio ano que caem diariamente milhares e milhares; as baixas são incalculáveis no registo e surgem outros milhares e milhares para de novo, como por encanto, preencher os vazios e sofrer em tempo devido a mesma amputação.

Assim, a juventude e os homens viris dos maiores países da Europa afanam-se na degola e esquartejamento mútuos, em nome de Deus, da Pátria, do Império e oh! dor! da Civilização, e até alguns em nome dos ideais superiores da Humanidade.

Sarcasmo cruel deste século que alguns de nós tinham ingenuamente suposto de progresso e de libertação!

Talvez no meio do amálgama dos acontecimentos, da vozaria e do canhoneio possamos tratar de ir até à raiz dos factos e descobrir o móbil real que lança todos esses povos uns contra os outros; talvez possamos deste imenso choque de homens e coisas trazer para a luz a verdade nas aras da qual se oferece em holocausto a geração da nossa época.

Há nesta luta um partido da justiça e da liberdade? Achase do lado dos aliados ou do dos austro-alemães? E' certo lutarem os aliados por uma nobre causa e os austro-alemães para impor maior despotismo?

Considerando-se atentamente e sem paixão alguma os acontecimentos de toda a ordem que se tem sucedido na Europa nestes últimos vinte anos, resalta com esplendente claridade um facto culminante: ambos os bandos adversos prodigalizaram os seus esforços de modo incessante para obter para si o benefício da supremacia mundial.

Os dois grupos de potências viram-se arrastados á guerra pelo mesmo afã de domínio e hegemonia, sem que nas suas de cisões interviesse, nem de perto nem de longe, a menor consideração de ordem elevada.

Rói as estranhas de todos os Estados capitalistas modernos o mais desenfreado imperialismo, e o lema da política internacional de todos eles, sem distinção alguma de forma de governo, quer seja democrática, quer autocrática, é este: expansão.

Expansão a todo custo e a todo risco; é preciso conquistar novos domínios, penetrar em novas terras, abrir novos mer-

cados para dar saída a uma produção cada vez mais febril e intensa. Para conseguir este resultado, para afirmar esta política lunesta, não há Estado moderno que não seja capaz de se impor os mais pes dos sacrifícios e de se lançar na mais perigosa aventura, pois por trás do Governo que nominalmente o dirige, acham-se os grandes grupos de capitalistas, industriais e traficantes do país, que só permitem a vida com a condição de serem servidos acima de tudo os seus interesses próprios.

A ciência económica, que desde Adão Smith vem sendo ensinada á juventude de todos os países nas grandes Universidades, formula assim as suas conclusões: *enriquecei-vos*, o que significa: intensifica o mais possível a produção, aperfeiçoa os seus processos, innova os seus métodos, cria maquinaria, instalações e braços hábeis para obter do trabalho o maior rendimento possível. Mas o capitalista não encontra proveito algum na sua actividade ascendente se, ao mesmo tempo que ele e os seus operários intensificam a produção, não se abrem novos mercados onde coloquem os seus artigos e onde possam especular sobre o preço da venda. Ora sendo a produção cada vez mais larga, cada vez mais numerosos tem que ser os mercados, condição essencial para o capitalista poder cumprir a sua missão de se enriquecer. Quando os mercados nacionais não pedem mais produtos manufacturados, porque deles estão abarrotados, a ciência económica burguesa ensina que é preciso abrir novos mercados no exterior.

Daqui os tratados de comércio, as guerras de tarifas que todas as nações fazem umas ás outras, a expansão colonial e outras escaramuças análogas que preparam o terreno para o grande estampido final, como o que estamos presenciando actualmente, triste remate das leis económicas que nos regem.

Por isso se diz com razão que os governos, seja qual for e seu matiz, são meros instrumentos ao serviço da plutocracia, que é a que realmente governa o mundo.

Que vemos, pois, no actual conflito europeu, senão uma luta titânica de apetites e interesses antagónicos que se chocam, uma ânsia desmedida de domínio que, na sua pugna incessante para abrir passagem, embate contra ânsia igual do grupo oposto?

E não nos venham dizer, como se está fazendo, que é só a Alemanha que se agita por essas cubicas desenfreadas de poderio; não se diga que é só ela que aspira ao império mundial, pois incorrerão numa parcialidade que briga com a clara visão das contingências históricas da nossa